



Francisco Quevedo



Bruno Giordano

CONCEPTISMO E FILOSOFIA

Eliás Hernandez Inostroza

Graduado em Letras pela Universidade da
Amazônia. Cursando Mestrado na UNICAMP

O tema do conceptismo, como estilo literário que integra os conteúdos de estudos da disciplina Literatura Espanhola, pode ser abordado sob diversos aspectos, dentre os quais, foi escolhida sua relação com a filosofia. A importância de estudar tal relação se faz manifesto se observamos que o conceptismo desenvolve seus jogos de linguagem tendo como substrato idéias e conceitos que fazia parte das correntes de pensamento moral e filosófico existentes no século XVI, na Europa e na Espanha, lugar de onde se originou.

Pelas características de esta pesquisa, quanto a seus objetivos, podemos comentar a necessidade de incorporar no estudo das obras literárias, elementos das ciências e do conhecimento humano, de forma de poder compreender com maiores luzes as particularidades de tal ou qual obra, seus embasamentos culturais e referências aos fatos históricos e sociais, dos quais certamente aproveitará material para se realizar como obra mimética, recriando a realidade.

No caso em estudo, o conceptismo pode-se relacionar com duas formas de pensamento existentes na Espanha do Século de Oro. Uma corrente moralista, desenvolvida por teólogos e padres da Igreja Católica como uma retomada da Escolástica medieval com um caráter crítico e moderno; a outra é um neo-estoicismo, advindo dos textos latinos redescobertos no Renascimento e traduzidos ao vernáculo, que tiveram ampla difusão na Europa.

Estas formas de pensamento que circulavam pelos centros culturais de Espanha, na forma de tratados, livros ou peças de teatro, pode-se encontrar na obra dos dois mais destacados escritores conceptistas: Baltasar Gracián e Francisco de Quevedo e Villegas. Tentaremos mostrar como estes escritores incorporavam nos textos os elementos filosóficos que alimentavam as duas linhas de pensamento em voga à época.

Sem pretender esgotar o tema, muito pelo contrário, cientes de que este estudo é de longo alento e precisa de trabalho paciente, domínio aprofundado das diferentes linhas de pensamento, um amplo conhecimento histórico da época, e principalmente, o aprofundamento no estudo da obra conceptista em suas diversas características, hoje apresentamos estes escritos com a intenção de colaborar na discussão acadêmica do tema.

ESPAÑA E SUA ÉPOCA

Encontramos no século XVI o florescimento e a decadência de Espanha, que chegou a ser o reino mais poderoso da Europa. Basta recordar que a partir do descobrimento de América por Colombo, em 1492, a coroa espanhola deu início à conquista de extensos territórios nas novas Índias. Alcançou tal magnitude que se podia ouvir nas cortes a famosa frase: "o império em que o sol nunca se põe" fazendo alusão às Filipinas, as colônias na América e África. A empresa foi altamente lucrativa para ela, pois os novos territórios foram fartos em especiarias, ouro e prata, esmeraldas e outros produtos, que afluíam em navios vindos de Cartagena, Lima, Veracruz ou Habana. Este comércio de metais preciosos criou uma corte poderosa em Madri, da qual Carlos V soube aproveitar

para governar os Países Baixos, controlar a França e não se importar com a Inglaterra. O dinheiro e metais que alimentavam o *mercantilismo* ajudaram a financiar a Contra-Reforma, da qual a Espanha se constituiu no seu mais poderoso baluarte, na Europa e na América, colocando as artes barrocas ao seu serviço. O palácio El Escorial Monastério de San Lorenzo (1563-1586), construído sob o reinado de Filipe II, é um reflexo desta dualidade que imperava no século XVI. De um lado a necessidade de um palácio real para a corte e de outro o monastério austero e frio na serra de Guadarrama.

Fora de Espanha o mundo estendia seus limites e consolidava impérios poderosos. Na África sub-sahariana, desde 1400 se desenvolvia o poderoso império de Songay, no atual território e Mali. Na Índia, o império Mogol vai-se estender desde 1526 até a segunda metade do século dezoito, controlando extensas populações agrárias nas bacias do Indo e do Ganges. Como exemplo de sua arte, o conjunto do Taj Mahal (1661) na cidade de Agra, reflete a mais sofisticada arte mortuária. Mais perto da Espanha, o Império Otomano (1300 – 1922) estava em pleno apogeu, dominando desde a Hungria e os Bálcãs, a Criméia, a Ucrânia, boa parte da península Arábica, a Anatólia e o norte da África. Este império turco teve sua capital na milenar Constantinopla. De seu poderio nas artes e as ciências, hoje a cidade de Istambul é um museu a céu aberto (veja Hágia Sófia). Já do outro lado do Atlântico, a França, a Holanda e a Inglaterra davam início a novas conquistas, em território americano. Os ingleses na Virgínia (1607) e logo na baía de Massachusetts, os franceses subindo pelo Mississipi e os holandeses fundando sua colônia na ilha de Manhattan. Essas conquistas dão início a um intenso desenvolvimento que vai culminar na formação de um novo estado.

Nas terras da velha Europa correm as novas idéias do pensamento moderno. No campo da religião católica, se está vivendo a grande divisão da Reforma (1517-1648), movimento liderado por Lutero e Calvino, e que acabou com a hegemonia de Roma. O poder da Igreja, até então associado ao poder terreno da nobreza, muda agora de mãos. A nascente burguesia luta por uma religião mais acorde com sua realidade, com o mundo centrado no humanismo do Renascimento. A esta divisão que veio do norte, destruindo o poder da Igreja Católica, Roma vai responder de forma enérgica, em diversas esferas. Ao nível das idéias vai se voltar a uma filosofia doutrinária – a Escolástica. No plano das artes, o dinheiro das cortes que apóiam à Igreja – Espanha, Nápoles, parte da França – vai fluir para pagar os artistas, pintores, arquitetos, literatos, músicos e suas obras, desenvolvendo um estilo artístico grandioso, o Barroco. Nas cortes, as bolsas de ouro vindo da América passavam de mão em mão, até Velásquez, El Greco, Herrera. Na Europa setentrional, as idéias humanistas se movimentaram em diversas direções, sob o amparo de uma burguesia que toma consciência de seu poder social e de suas ambições culturais e políticas. Da Rússia até a Irlanda, concentrando-se em Flandres, Holanda e França, diversas correntes vão cobrar vida: o deísmo, o empirismo, o enciclopedismo e uma nova forma de pensar, com destaque para Kant, Galiléu, Locke, Copérnico, Descartes, Newton.

O CONCEPTISMO: GRACIÁN E QUEVEDO

O termo conceptismo teve sua origem na obra *Conceptos espirituales*, escrita por Alonso de Ledesma em 1612, e na qual aparecem algumas formas de linguagem que diferiam das obras renascentista. As agudezas de conceitos utilizadas junto com figuras de linguagem como as elipses, as antíteses, a polissemia de termos e a oposição dos contrários caracterizam este estilo, em que se valoriza o laconismo, a economia de termos para expressar uma idéia. Já diz Gracián: "Lo bueno si breve, dos veces bueno", São

exponentes deste estilo, no teatro, as obras de Pedro Calderón de la Barca – *La vida es sueño; El gran teatro del Mundo*. Luis Vélez de Guevara – *El diablo cojuelo*, los autores de empresas ou alegorias como Diego de Saavedra F.

Destaca como o teórico dentre eles, o nome de **Baltasar Gracián** (1601-1658) um dos mais grandes moralistas espanhóis. Nasceu em Calatayud (Zaragoza), estudou em Toledo e ingressou na Companhia de Jesus em 1635. Ensinou em Madri, Zaragoza, Tarragona e Calatayud. A diferença dos outros escritores, ele não procurou a fama, o apóio do público nem altos cargos. Com tal vida, ele foi arguto perscrutador da sua sociedade e do humano. Podemos destacar entre suas obras: *El criticón* (1655), alegoria entre mentor e em três volumes, pelo qual recebeu censura e seqüestro dos textos, A validade de sua crítica tem ficado em destaque hoje em dia. Na *Agudeza y arte del ingenio* (1642) desenvolveu os artifícios do conceptismo. *El Discreto* (1646) aponta para a formação do homem em sociedade.

Francisco de Quevedo y Villegas (1580-1645), nasceu em Madri, ocupou cargos na corte e estudou na Companhia de Jesus, na Universidade de Alcalá e logo na de Valladolid. Na corte ele procura a proteção do duque de Osuna. Após viajar a Nápoles com a corte, é encarcerado na La Torre e logo em Uclés (1621) marcando-se no seu caráter o pessimismo e a acidez da sua crítica. Casou com uma viúva, para logo se separar e envolto em novos e escuros assuntos envolvendo o duque e Olivares, ficou preso quatro anos para logo de sair, doente, vir a falecer.

Sua obra é imensa e altamente complexa e contraditória. As obras satíricas e burlescas mais conhecida incorporam o máximo ingenio, tanto na sua visão do mundo real quanto à forma e a linguagem: *La vida del Buscón llamado don Pablos* (1626), *Los Sueños* (1605-1622) cinco peças curtas conceptistas, em que se vertem tudo o horror e o desengano do mundo, denunciando os vícios e enganosa de testos e ofícios do mundo. Sua obra moralizante atinge as críticas ao governo, com base no estoicismo e a filosofia de Séneca: *Política de Dios, gobierno de Cristo, tiranía de Satanás* (1626) em que idealiza um governo e *Marco Bruto* (1646), na qual critica os governantes da Espanha, à moda de Plutarco. A poesia metafísica, amorosa, satírica, religiosa y moral, mais de mil ao todo, foram compiladas em *Parnaso español* (1648) e *Las tres musas* (1670). Poesia leve e popular tanto quanto seria e profunda, num estilo ágil, que exige do leitor esforço para captar as figuras de dicção. Sua obra crítica e satírica se evidencia no paradigma conceptista "*Erase un hombre a una nariz pegado*", atacando de forma implacável seus inimigos. Na poesia amorosa, de modelo petrarquista, a profundidade do sentimento alcança cumes de perfeição do amor dano sentido à vida. Seu exemplo: "*Cerrar podrá mis ojos la postrera*" em que a morte não vence o amor:

"su cuerpo dejara, no sin cuidado
serán ceniza, mas tendrán sentido
polvo serán, mas polvo enamorado"

Ao passo do tempo, tema recorrente e angustiante na literatura barroca, foi dedicado:

Ayer se fue, mañana no ha llegado
hoy se está yendo sin parar un punto.
Soy un fue y un será y un es cansado.

A FILOSOFIA MODERNA

Os séculos XV e XVI apresentam uma série de pensadores, explica Marías (1982), que não apresentam grande notoriedade ou continuidade, mas que constituem a base do pensamento moderno. Eles mantêm vivo o pensamento filosófico que permite sentar as bases da nova metafísica europeia, mantendo a tradição medieval e grega junto com uma nova forma de pensar a natureza.

Encontramos assim, Nicolau de Cusa e Giordano Bruno, os físicos modernos e os escolásticos espanhóis. Justifica-se esta agrupação, pois os dois primeiros pertencem à filosofia renascentista, os físicos concebem uma idéia moderna de natureza, com base no nominalismo medieval com pressupostos rigorosamente filosóficos, ao tempo que esta nova física permite entender a metafísica idealista do séc. XVII. Já os teólogos espanhóis com o seu sentido de síntese da filosofia medieval em novos moldes adequados à época, fazendo do seu escolasticismo renovado a base de novas formas de pensamento prático, como o direto internacional. Formado por jesuítas e dominicos, homens engajados nos problemas do seu tempo, este núcleo que se irradia a partir do Concílio de Trento, vai ter importância decisiva nas lutas entre a Reforma e a Contra-Reforma. Por tal motivo, a influência de Suárez se fará sentir em Leibniz, Descartes e os filósofos alemães até Hegel.

Nicolau de Cusa (1401-1464) Nasceu em Cusa, estudou em Pádua e foi cardeal e bispo de Brixen. Formado na Escolástica, desenvolve temas, como a mística especulativa, que pertencem à filosofia moderna. Para ele, Deus é o infinito; o mundo e o homem, o finito; Deus redentor sintetiza a união do finito e do infinito. Desde este ponto central sua filosofia o conhecimento pode-se alcançar pelos sentidos (*sensus*), o entendimento (*ratio*) e a razão (*intellectus*) que levam ao conhecimento de Deus. Porém, existe uma mente divina e uma mente humana, e desta última se interessa por conhecer o mundo, com o fim de pô-lo de acordo com Deus. A unidade do infinito explica a diversidade do mundo. Cada elemento do mundo é uma unidade, um microcosmos, na qual Deus nunca se repete. Encontramos, neste filósofo, o germe de um tema da filosofia moderna, voltada para a natureza e o homem. Esta explicação das individualidades das coisas e do homem, e seu conhecimento pela *ratio* estará presente nas sátiras do conceptismo.

Giordano Bruno (1548-1600) é considerado o mais importante filósofo do Renascimento. Na obra de Marías (1983) comenta-se que nasceu em Nola, fez parte da ordem dominicana, a qual deixou, acusado de heresia. Após viajar pelo norte da Europa, regressou a Roma, onde foi encarcerado e queimado pela Inquisição, aumentando sua importância. Tendo como base à filosofia natural, as idéias de Copérnico e Nicolau de Cusa, ele desenvolve a idéia de um Deus panteísta e alma do mundo, *causa immanens*, e harmonia do Universo. Separando-o do Deus da religião. Para ele, o universo é infinito, belo, pleno e cheio de vida, e com ele a natureza. Aqui ele se perfila nas idéias modernas. Incorpora as unidades vitais, a *mona monadum*, substância do todo presente nas partes. Seu panteísmo influirá em Leibniz, Espinoza e Schelling.

Os físicos modernos, ao partir da metafísica nominalista, evoluem para uma ciência natural, que se diferencia em dos aspectos - o método físico e a idéia de natureza – da ciência aristotélica e medieval. Com base em Copérnico até Newton será elaborado todo um corpus da física, modificada sucessivamente por Einstein, Planck, a mecânica ondulatória e a física nuclear. Vejamos os principais:

Nicolau Copérnico (1473-1543), nasceu em Polônia, cônego, estudou medicina, astronomia e matemática. Publicou *De revolutionibus orbium caelestium*, em que propõe

um sistema solar heliocêntrico. Suas idéias foram muitas contestadas, porém encontrou seguidores na Espanha.

Juan Kepler (1571-1630), astrônomo alemão, com base nas idéias de Copérnico, deu-lhes formulação matemática, propondo órbitas elípticas, valorizando a matemática nas ciências.

Galileu Galilei (1564-1642), nasceu em Pisa, e deu fundamentos à física moderna, pelo seu método e a natureza do objeto de estudo. A Igreja reconheceu o alto valor do seu pensamento.

Isaac Newton (1642-1727), físico, matemático, filósofo e teólogo inglês, representa a melhor expressão da física moderna, fundada em princípios unitários gerais. Desenvolve a lei da gravitação universal, e interpreta a mecânica em formulação matemática. Seu *Philosophiae naturalis principia mathematica* destaca dentro das obras do conhecimento, ao desenvolver o método indutivo como forma do conhecimento, e considera a natureza movida por razões filosóficas e fundada em supostos metafísicos, que não são de competência das ciências e sem da filosofia.

Marías (1983) continua a explicar a **Escolástica** espanhola, como um ressurgimento importante, que culmina com o Concílio de Trento, no qual os grandes teólogos defrontem-se com os problemas propostos pela Reforma e ao humanismo do Renascimento. As obras do tomismo e da patristica são revisadas e comentadas num trabalho de atualização às necessidades do momento, tais como o direito dos índios, o direito internacional. Estes escolásticos, formados em Paris, vão-se juntar em Salamanca, Toledo e Alcalá, justamente os lugares em que os conceptistas tiveram sua formação. Dali influenciariam o pensamento em Roma e Coimbra. Com interesse centrado na religião, essa Escolástica não toca os problemas filosóficos de cheio e perde sua força. Dentre os teólogos dominicanos, que organizaram a Igreja no séc. XIII destacam: Francisco de Vitoria (1480-1546), Domingos de Soto (1494-1560), Melchor Cano (1509-1560) e Domingos Báñez (1528-1604). No grupo dos teólogos jesuítas, podemos assinalar: Afonso Salmerón (?), Luís de Molina (1533-1600), Fonseca (?).

Francisco Suárez (1548-1617), jesuíta granadino, conhecido como doctor eximius, foi professor em Segóvia, Ávila, Valladolid, Roma, Alcalá, Salamanca e Coimbra. As suas *Disputationes metaphysicae* e o tratado *De Anima* concentram sua postura em relação a toda a tradição escolástica. Fiel ao tomismo, sua obra discute com liberdade os grandes problemas da época, revisando e ordenando os conhecimentos acumulados em séculos. Com base em Aristóteles, na primeira obra ele estuda o problema do ser com uma metafísica independente das questões teológicas, separando teologia e religião. De especial ingenio e perspicácia são suas idéias sobre a personalidade, a pessoa. Observamos aqui um traço que marcará a sátira e as obras morais de Gracián e Quevedo. Já na sua obra *Tratado das leis*, vemos como Suárez reconhece que o poder, derivado de Deus, está no povo. Para ele o rei não recebe o poder de Deus, e sem do consentimento do seu povo. Esta tese será desenvolvida nas sátiras e críticas ao governo, que fazem parte da vasta obra de Quevedo.

MORALISTAS E POLÍTICOS

Consideramos importante complementar esta revisão das idéias filosóficas com o que Emile Bréhier (1979, p. 226) denomina de "*renascimento* do estoicismo". Mais perto de uma ordenação e direção da consciência que de uma doutrina filosófica racional, o estoicismo popular renasce com a leitura das obras dos clássicos Cícero, Marco Aurélio, Epicteto, Plutarco e, principalmente, **Sêneca**. Para o autor, esta idéias persistiram sempre,

como um fundo tênue, marcado em obras de moral produzidas por Alcuino, Hildeberto de Lavardin e, incluso em Roger Bacon, pelo que não seria propriamente um "renascimento" dele. A moral do estóico não se opõe às doutrinas cristãs, a despeito do horror com que Calvino vai-se manifestar contar dele. Os livros dos clássicos, traduzidos ao francês, vão impregnar os espíritos de uma ordenação moral da conduta dos homens, que o cristianismo favorece. Aqui encontramos a ligação direta com a obra de Quevedo e de Gracián, observando as sátiras e obras de moral.

Descartando aspectos meramente filosóficos do estoicismo, a doutrina é vivenciada publicamente por pensadores, escritores e homens públicos da época, que a aplicam nas suas obras e trabalhos, na sua vida. A modo de exemplo, Bréhier (1979, p. 228), falando de Guilherme de Vair (1556-1621), em Paris, comenta: "escreveu o *Traité de la Constance et Consolation ès calamitez publiques* (1590) (...) animado do desejo de servir à pátria, de curara a França de todos os males, do luxo da nobreza, da simonia da Igreja, da perversão da justiça". Ressalta a coincidência com a vida e o trabalho de Quevedo, o qual padeceu por diversas vezes a prisão, as injustiças da justiça, numa corte em decadência, volúvel e corrompida, como a de Valladolid e a de Nápoles. Para Bréhier (1979, p. 228) estes moralistas entendem que, "a fonte de nossos males [está] num juízo mal regulado, cuja reforma depende de nós", citando a Charrom na sua obra, complementa "como condição para a sabedoria a libertação de erros e vícios mundanos e de paixões e a plena liberdade de espírito, tanto em juízo quanto em vontade' [que] se acompanha do preceito de 'obedecer e observar as leis, costumes e cerimônias dos pais' (...) e cabe ao moralista pintar as paixões e suas causas".

Consignamos aqui, que al mesmo tempo, se desenvolvia uma política realista, que via nos povos e as sociedades os jogos de força, desconhecendo o poder divino do governante. Não importam os meios, com tal de conseguir os objetivos, é um aforismo da obra e **Nicolau Maquiavelo** (1469-1527), *O Príncipe*. É o problema do tirano, pelo qual o povo se deixa manejar, renunciando ao seu direito natural já que as sementes do bem estão dispersas e se corrompem com facilidade, comentado por La Boétie (1530-1563) e citado por Bréhier (1979).

A LOUCURA DO MUNDO

Tentaremos neste ponto do trabalho, juntar as duas peças do tecido, alinhavando algumas considerações entre o pensamento filosófico barroco e a obra crítica e moralista de Quevedo. Desde já, pedimos ao leitor atento sua compreensão para o resultado de tal tessitura, considerando nossas mínimas habilidades no ofício.

Procuramos dentre os temas da literatura do barroco espanhol, a loucura do mundo, para delimitar nosso final de trabalho, tendo em conta a preponderância de esta visão nas obras barrocas de uma forma geral. Na seguinte passagem de *El mundo por dentro*, observamos como as mazelas são chamadas de coisas boas:

" Sustenta, por parecer señor, caza de halcones, que lo primero que matan es a su amo de hambre con la costa, y luego el rocín en que los llevan, y después, cuando mucho, una graja o un milano. Y ninguno es lo que parece (...)? No ves a los niños preciarse de dar consejos y presumir de cuerdo? Pues todo es hipocresía.(...) El zapatero de viejo se llama entretenedor del calzado; el botero, sastre del vino, que le hace de vestir; el mozo de mulas, gentilhomme del camino; el bodegón, estado, el bodegonero, contador; el verdugo se llama miembro de la justicia y el corchete criado; el fullero, diestro; el ventero, guésped, la taberna, ermita, la putería, casa; las putas, damas; las alcahuetas,

dueñas; los cornudos, honrados. Amistad llaman el amancebamiento, trato a la usura, burla a la estafa, gracia la mentira, donaire la malicia, descuido la bellaquería...” (Quevedo, 1996, p. 278-280)

Esta ordem moral subvertida é princípio da loucura do mundo. Aparece no cotidiano da sociedade o discurso contrário ao bem moral. Este discurso, de tanto bater acaba por ser considerado como o normal, o correto. Então a loucura manifesta-se na tentativa da volta ao verdadeiro. Porém, parece difícil ou impossível. Buscamos associar o tema do pensamento e da loucura na literatura e nos deparamos com alguns comentários de Michel em relação à exclusão do pensamento:

“Desde a alta Idade média, o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros: pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância, não podendo testemunhar na justiça, não podendo autenticar um ato ou um contrato, não podendo nem mesmo, no sacrifício da missa, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo: pode ocorrer também, em contrapartida, que se lhe atribua, por oposição a todas as outras, estranhos poderes, o de dizer uma verdade escondida, o de pronunciar o futuro, o de exagerar com toda ingenuidade aquilo que a sabedoria dos outros não pode perceber”. (Foucault, 2000, p. 10).

Comenta-se que era, através de suas palavras que se reconhecia à loucura nas pessoas, e justamente esse discurso era observado com uma dupla percepção. Pensamos que de uma parte, esta palavra representa o perigo, a crítica de que não tem compromisso com a sociedade, pois fora dela está, e como tal constitui-se em ser paria, inimigo. De outra, a *veritas* que impregna esse discurso é reveladora, evidencia o que estava oculto aos olhos e aos corações. Como tal será de valor numa postura de conhecimento profunda e verdadeira, que atinge o campo da conduta moral.

Encontramos em Sueño de las Calaveras (Quevedo, 1996, p. 419), a seguinte passagem: “... Trás ellos venía la Locura en una tropa con sus cuatro costados: poetas, músicos, enamorados y valientes, gente en todo ajena deste día” lo que nos hace refletir que, para o narrador (autor) a loucura estava em muitos, fazendo formação militar, e por vir dos “cuatro costados” ela era fruto de linhagem antigo, de valor nobiliário. Incluídos os poetas, que por falar já estão condenados, encontramos juntos os músicos e os *enamorados*, estes justamente porque quando acertados pelas setas de Cupido, não sabem o que falam e falam sem saber. A música sempre foi considerada plena de poder sobre os homens, e como tal, tem sofrido a censura de muitos governos ditatoriais. Já dos valentes, o ardor de suas causas, suas arengas inflamadas de paixão vai-lhes cegar o raciocínio. Somando, o discurso na boca deles é perigoso, pois foge desse controle, que a loucura arrebatava, e até no dia do Juízo Final, dele carecem.

Nas obras de Quevedo, como em muitas outras, a personagem do louco nos permite conhecer os recônditos da alma humana, e suas mais baixas degradações. Ele se apresenta como a voz da consciência em médio a uma sociedade surda, cega, ou, na mais das vezes, conivente com a desordem moral. É na desordem, na loucura do mundo às avessas, isto é, o inferno e seus territórios, que a realidade toma forma de loucura, caracterizando a sátira no seu mais fino estilo e que atinge a todos, sem perdão, como encontramos em Sueño de las Calaveras:

“ fueron juzgados filósofos, y fue de ver cómo ocupaban sus entendimientos en hacer silogismos contra su salvación. Mas lo de los

poetas fue de notar, que de puro locos querían hacer a Júpiter malilla de todas las cosas..." (Quevedo, 1996, p. 422)

Em nossos dias, temos podido observar como a loucura tomou conta do mundo: não basta com assistir filmes com temática referida a um outro mundo, o da loucura, em "Hombre mirando al sudeste" (argentino) ou "Trem da vida" (ucraniano); participamos do capitalismo mais selvagem na forma de economia globalizada e, há dias, à destruição de milhares de vidas nos atentados de New York & Washington.

Hoje a censura se manifesta no silencio, nas entrelinhas de um discurso livre, tachado de louco, para o qual os médicos, os psicólogos vam-se posicionar em uma atitude de controle, de velada censura silenciosa. Nos dias do Barroco na Espanha, tal seria impossível, pois as idéias moralizantes vindas pelos livros traduzidos do latim se encontravam nas prateleiras das universidades e dos colégios, estavam circulando de mão em mão entre estudiosos, copista e intelectuais. Nos mesmos claustros em que ensinou Suárez, aprenderam Quevedo e Gracián. Os espíritos elevados da época estavam incorporando esses pensamentos neo-estoicos em suas produções. Cedo é que Quevedo começará sua poesia satírica popular. Do seu contato com a corte em Valladolid vai-se originar sua prosa moralista, hoje muito valorizada. Gracián aproveitou sua atividade como professor para elaborar seus escritos moralizantes, de cunho altamente estoico (a sua vida dá exemplo disto).

A censura funcionava de forma diferente; o escritor era mandado longe, afastado a uma prisão. Para contrarestar essa situação, eles valiam-se dos mecenas e patronos, como o duque de Oliveiras para Quevedo. Na sua sombra protetora, a língua mais ferina atacava impiedosa, como neste soneto:

Casamiento Ridículo . (*Parnaso*, 418)

Trataron de casar a Dorotea
Los vecinos con Jorge el extranjero,
De mosca en masa gran sepulturero
Y el que mejor pasteles aporrea.

Ella es verdad que es vieja, pero fea;
Docta en endurecer pelo y sombrero;
Faltó el ajuar y no sobró dinero,
Mas trújole tres dientes de librea.

Porque Jorge después no se alborote
Y tabique ventanas y desvanes,
Hecho tiesto de cuernos el cogote,

Con un guante, dos moños, tres refranes
Y seis libras de zarza, llevó en dote
Tres hijas, una suegra y dos galanes. (*Quevedo*, 1989, p. 192).

Uma forma de relacionar a loucura do mundo com a filosofia neo-estoica, pode-se encontrar na percepção do mundo em movimento, com os dois princípios contrários em movimento incessante e os quatro elementos em permanente tensão. Desta situação viria o equilíbrio do mundo numa cadeia de "alternativas – finito, redondo, móvel, não vazio, infinito" – num movimento circular, um ciclo eterno.(Mondolfo, 1973, p. 276).

Na obra de Quevedo, interpretamos que do outro lado do mundo real, este outro mundo ao avesso, o mundo da loucura. E que os personagens de seu universo literário transitam de um para outro, num misto de esperteza e impunidade diante da ordem das coisas. Isto parece reforçar-se quando da elaboração dos seus "sonhos", em que o sonhado é a realidade e a realidade parece à utopia, em uma imagem especular que se refrata *ad infinitum*, para o mal, claro.

FINALE, MA NON FINIS

Este esboço de um trabalho de pesquisa, que relaciona a literatura do conceptismo com as correntes de pensamento existentes na Espanha do Século de Ouro, conclui no meio do caminho, pois temos elencado algumas características da vida e obra de Francisco de Quevedo e Baltasar Gracián, ambos máximos expoentes da literatura de estilo conceptista na Espanha, revisamos someramente algumas idéias filosóficas em boga na época áurea e dissemos duas palavras sobre conceptismo. No fim, incorporamos o tema barroco da loucura do mundo e tentamos correlações com os pontos anteriores. Pensamos, positivamente, na necessidade de continuar a estudar estes temas, pela sua relevância na compreensão da literatura universal e de nosso fazer como universitários em nosso espaço amazônico. Reconhecemos as diversas limitações de tempo, capacidade de análise maior e de fontes bibliográficas necessárias para dar continuidade a estudos desta índole. Concluimos agradecendo o incentivo, a colaboração e orientação de diversas pessoas, recebida durante o fazer deste trabalho.

BIBLIOGRAFIA:

- BRÉHIER, Émile. *História da filosofia*. t. 1. trad. Eduardo Sucupira. São Paulo: Mestre Jou, 1979.
- CRUZ, Benilton. *Texto para o curso de Letras*. (mimeo). Belém: Unama, 2001.
- Encyclopaedia Britannica Inc. *Encyclopaedia Britannica*. William Benton Publisher. 23 v. Chicago. 1973.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. trad. Laura Sampaio. (Coleção Leituras Filosóficas). São Paulo: Loyola, 1996.
- MARÍAS, Julián. *História da filosofia*. 6. ed. Porto: Sousa & Almeida, 1982.
- QUEVEDO Y Villegas, Francisco de. In: *ENCICLOPEDIA Microsoft® Encarta® 98* ©. New York. Microsoft Corporation. 1997. 1 CD-ROM.
- _____. *Los sueños*. Editor Ignacio Arellano. (Coleção Letras Hispánicas). Madrid: Cátedra, 1996.
- _____. *Poesía selecta*. Editor Lia Schwartz & Ignacio Arellano. (Coleção Universitas - 9). Barcelona: PPU S.A., 1989.